



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

MILENA ROCHA CONCEIÇÃO

**Dias de fogos, carestia e batuques: as festas juninas em Aracaju na
Segunda Guerra (1939-1945)**

SÃO CRISTÓVÃO – SERGIPE

2022

MILENA ROCHA CONCEIÇÃO

**Dias de fogos, carestia e batuques: as festas juninas em Aracaju na
Segunda Guerra (1939-1945)**

Monografia apresentada à disciplina Prática de Pesquisa como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.
Orientador: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard

São Cristóvão

2022

AGRADECIMENTOS

Entrar na Universidade sempre foi um sonho, acredito que para a maioria da população brasileira. Esse sonho torna-se ainda maior quando se é filha de uma empregada doméstica que criou três filhos sozinha. E com isso, agradeço a minha mãe, que sempre lutou para proporcionar o ingresso na Universidade, sem ela não teria chegado até aqui.

Ao meu orientador Dilton Maynard, por ter me dado a oportunidade de entrar no grupo *Get Leituras*, no qual adquiri e continuo adquirindo conhecimento com os debates que ocorrem toda semana. Além dessa oportunidade, agradeço também pelos empréstimos dos livros, pela atenção e paciência.

A professora Aglaé, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no qual tive a oportunidade de ser estagiária durante três anos. Uma gestora excelente, com ideias inovadoras, visando levar o conhecimento da nossa cultura sergipana para a nova geração. Além de ser uma profissional magnífica, é também uma mulher acolhedora e prestativa, que sempre apresentou a satisfação em passar seu gigantesco conhecimento aos mais novos.

Ao professor Soutelo (in memoriam), pelas conversas e dicas sempre valiosas, que foram fundamentais para minha formação profissional.

A professora Rosângela que me passou todo o seu conhecimento técnico, que me concedeu a oportunidade em auxiliá-la na organização da Biblioteca Manoel Bomfim, assim como, o Arquivo Thethis Nunes, ambos anexados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Aos meus amigos da graduação, Simas e Glauco, que dividiram comigo os seus conhecimentos, passados nos momentos de debate, as angústias, as preocupações e também os momentos de risadas. Sem eles, a minha graduação não seria tão prazerosa.

Resumo

A Segunda Guerra Mundial foi um acontecimento que afetou diversos países do mundo, alterando o funcionamento de vários setores da sociedade. O Brasil não ficou isento na participação da batalha, promovendo o exército para o deslocamento à Europa. A decisão de Getúlio Vargas, presidente do país na época, partiu devido a ofensiva da Alemanha ao designar o submarino alemão U-507 a torpedear os navios brasileiro. Diante desse trânsito, a capital sergipana, foi uma das regiões que sentiu de perto a agressão, que teve como saldo mais de 600 pessoas mortas. Dessa forma, o expectivo trabalho buscou compreender como os espaços de lazer e as comemorações festivas da população foram afetados, mais especificamente o São João, por ser uma festa de forte simbolismo cultural. A investigação partiu na análise dos periódicos Correio de Aracaju, Diário oficial, Folha da manhã, O Nordeste e Sergipe Jornal nos anos de 1939 a 1945. Buscamos compreender como os festejos juninos foram comemorados e os lugares que manifestavam a festividade. Destacando o papel dos clubes e das ruas da capital. Além disso, buscou analisar como alguns costumes da festividade foram alterados e como foram apresentados pelos jornais.

Palavras-chave: Guerra, Festa Junina, Cotidiano, Clubes.

ABSTRACT

The Second World War was an event that affected several countries in the world, altering the functioning of various sectors of society. Brazil was not exempt from participating in the battle, promoting the army to travel to Europe. The decision of Getúlio Vargas, president of the country at the time, started due to the German offensive when designating the German submarine U-507 to torpedo Brazilian ships. Faced with this traffic, the capital of Sergipe was one of the regions that felt the aggression closely, which resulted in more than 600 people dead. In this way, the expected work sought to understand how the leisure spaces and festive celebrations of the population were affected, more specifically São João, as it is a festival of strong cultural symbolism. The investigation starts from the analysis of the periodicals Correio de Aracaju, Diário oficial, Folha da morning, O Nordeste and Sergipe Jornal in the years 1939 to 1945. We seek to understand how the June festivities were celebrated and the places that manifested the festivity. Highlighting the role of clubs and streets in the capital. In addition, it sought to analyze how some customs of the festivity were changed and how they were presented by the newspapers.

Keywords: War, Festa Junina, Daily life, Clubs

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1- UM PANORAMA DAS FESTAS JUNINAS E DA CIDADE DE ARACAJU NOS TEMPOS DA GUERRA	10
1.0 A CIDADE, O COMÉRCIO E OS SEUS ESPAÇOS DE LAZER NA DÉCADA DE 30 A 40.....	10
1.1- ECONOMIA E A POLÍTICA	11
1.2-OS TORPEDEAMENTOS	13
1.3-AS FESTAS NA CIDADE.....	14
2-OS BAILES JUNINOS NOS CLUBES DE ARACAJU	19
2.0- A HIERARQUIA DO ESPAÇO PRIVADO	19
2.1- A IMPRENSA COMO VEÍCULO DE ESTÍMULO AO LAZER	21
2.2- OS CLUBES E OS OUTROS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NA CAPITAL NO CONTEXTO DE GUERRA	23
3-OS BAILES INVISÍVEIS: AS FESTAS DOS POPULARES.....	28
3.0-ORIGEM DA FESTA JUNINA.....	28
3.1-A FESTA JUNINA COMEMORADA NAS RUAS DA CAPITAL	29
3.2-A FESTA NA DÉCADA DE 40	31
CONCLUSÃO.....	39
REFERENCIAS	39
OS JORNAIS	43

Introdução

O século XX foi de grandes movimentações, após a primeira guerra mundial, muitos países da Europa saíram com a economia fragilizada e com uma descrença nas ideias liberais. Com esse cenário, governos totalitários foram ganhando ascensão na política, como é o caso de Mussolini, na Itália e Hitler, na Alemanha. Após o tratado de Versalhes, a Alemanha foi obrigada a pagar pesadas indenizações, provocando o sentimento de revanchismo na população. A promoção de regimes autoritários alimentou o ressentimento, ao mesmo tempo em que era trabalhada a exaltação do nacionalismo. Uma combinação que proporcionou condições favoráveis ao desenvolvimento de um novo conflito mundial em 1939. A Segunda Guerra Mundial produziu um grande contingente de mortos, resultados dos combates entre os países do Eixo e Aliados.

Nesse contexto, o Brasil também se viu envolvido no conflito. Em 1942, a guerra chega em águas brasileiras, o submarino alemão U-507 atacou vários navios mercantes brasileiros nos mares da Bahia e Sergipe. Entre os navios torpedeados estavam o Baependi, Aníbal Benévolo e o Araraquara, os ataques provocaram a morte de 600 pessoas. Autores como, J. Pires Wynne, Ariosvaldo de Figueiredo, Ibarê Dantas, Luiz Antônio Pinto Cruz, Dilton Cândido Santos Maynard e Andreza S. Cruz Maynard, dissertaram como os torpedeamentos impactaram no cotidiano da população, provocando agitados movimentos contra os estrangeiros e os integralistas, por acreditarem que eles eram apoiadores do Eixo. Além disso, os lugares de lazer e os preços dos alimentos também foram afetados. A autora, Andreza S. Cruz Maynard, em seu texto “A guerra do “pão de ouro”: a variação dos preços de alimentos em Aracaju (1939-1945) relata como a região sofreu com falta de determinados gêneros, que foram comprometidos pela suspensão do tráfego marítimo, produtos como o papel, combustível e farinha de trigo, tornaram-se de grande desejo para a população na época.

Diante desse trânsito, o presente trabalho foca nos festejos juninos, por ser uma manifestação cultural de grande extensão. Objetiva-se mostrar como a festividade realizada em um período de tensão no qual provocou mudanças no cotidiano da população. A tradição em comemorar o São João, é antiga. No Brasil, foi introduzida pelos portugueses e, ganhou força em várias partes do país. No Nordeste do país, há um forte hábito em comemorar o dia do Batista, em 24 de junho. Na capital sergipana, no começo do século 20, era enriquecida pela presença do som de foguetes e zabumbas, como também o comparecimento das moças vestidas de chitas refinando todo o espaço, as fogueiras, as

bandeirinhas, mastros, que enfeitavam as ruas e os pratos típicos como pamonha, milho, canjica, davam vida a todo o cenário.

Como as festas juninas estão incluídas no setor cultural, é necessário compreender os conceitos de “festas”, de “identidade” e de “invenção de tradição”. Segundo o sociólogo Gilberto Freyre, a festa tem um papel importante dentro da sociedade, ela proporciona a introdução de múltiplas regras e estabelece uma mediação cultural. (FREYRE, 1995, pg.245-247). Também estudando a temática das festas, Câmara Cascuda (2002), fez um estudo sobre o folclore brasileiro em que anuncia as manifestações populares que se dão através das crendices, das lendas, das superstições, histórias e mitos. Tratando-se de apresentar a riqueza cultural brasileira, composta por várias contribuições de costumes e crenças de diversas sociedades. Cascudo propõe a importância da construção da obra por existirem poucas bibliografias que tratam do estudo da antropologia cultural, da etnografia e folclore.

A obra “Em Qualquer festa é festa (?)”, dos autores Jaime de Almeida e Ana Guiomar Rego Souza abordam a festa como sendo um objeto de pesquisa, por se tratar de um fenômeno social. Mesmo que faça várias interpretações acerca das festas, não há como fugir que as manifestações festivas pertencem ao domínio da cultura que são essenciais em termos da estruturação da vida social. O autor acredita que se as festas não fossem de um sentir coletivo, uma forma de acreditar na vida, não estariam presentes nas comunidades. A festa não pode ser vista de forma unilateral, nem com iminência de legitimação e nem como desagregação, mas como dramatizações da experiência coletiva, gerada no dia a dia e ao mesmo tempo tramando contra o cotidiano. Em nosso trabalho, observamos a festa junina como algo caracterizado por práticas que proporcionam a interação de vários grupos sociais, determinando processos culturais heterogêneos. Espaço “de criação, recriação e apropriações.” (ALMEIDA; SOUZA;2008)

A obra *História Cultural – um panorama teórico e historiográfico* de José D’Assunção Barros apresenta um panorama de produções de autores que tiveram uma predisposição em contribuir para a construção do campo historiográfico da História Cultural. Apesar da cultura ser um conceito polissêmico, alguns historiadores do século XX trouxeram novas definições e abordagem em relação ao que se pensava no século XIX. Historiadores dessa época ignoravam as manifestações da cultura popular, além de descartar a importância que o objeto material produzido pelo homem tinha para a cultura, ou seja, nota-se que a história cultural praticada no tempo antigo era elitizada. Os objetos da

História Cultural, face à noção complexa de cultura que hoje predomina nos meios da historiografia profissional, são inúmeros. Como por exemplo os *objetos*, produções artísticas realizadas pelo homem, os *sujeitos*, produtores e receptores de cultura. Para Roger Chartier, como o autor apresenta, “tanto os objetos culturais seriam produzidos “entre práticas e representações”, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circularam entre estes dois polos, que de certo modo correspondem respectivamente aos ‘modos de fazer’ e aos ‘modos de ver’.” Dessa maneira, a cultura é ampla, não se limita a uma só produção feita apenas por um só grupo, ela conversa com vários grupos, produzindo uma pluralidade.

A metodologia empregada consistiu inicialmente no levantamento das fontes no acervo digital da Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, onde foram apurados os periódicos O Nordeste, Folha da Manhã, Correio de Aracaju, Sergipe Jornal e Diário Oficial nos respectivos anos 1939 e 1942. Foram encontradas matérias que apresentam questões sobre as festas juninas em Aracaju, assim como, notícias que anunciavam como estava sendo a organização dos clubes que promoviam o festejo para que a elite local pudesse celebrar, como também, o aumento dos preços dos produtos e mudanças que a festividade sofreu.

Foram empregados textos que ofereceram um importante amparo a respeito de como utilizar a imprensa como fonte e o método de como lidar com ela. O texto “História dos, nós e por meio dos periódicos”, da autoria de Tânia Regina de Luca (2005) é descrito, pela autora, que ao manusear os jornais, o historiador deve observar todas as suas características, desde o seu aspecto físico, a disposição do conteúdo, a circulação, até o viés político dos seus produtores, para que se tenha uma percepção histórica da fonte, como objeto construído por homens em que nada é feito naturalmente.

O artigo O historiador e suas fontes (FREITAS, 2000), é apresentado uma explicação sobre fontes históricas e chama atenção do leitor de como é importante para o historiador atentar quanto ao uso delas. Com isso, se adentra na questão sobre as fontes que revelam a história de Sergipe e faz uma orientação sobre os locais que disponibilizam o acesso a elas. Como por exemplo: Arquivo Público do Estado, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o Arquivo da Cúria metropolitana, a Sessão Sergipana da Biblioteca Pública Epifânio Dória, entre outros.

Neste sentido, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, nomeado um panorama das festas juninas e da cidade de Aracaju nos tempos da guerra, o objetivo é apresentar como era a cidade, seu comércio, a política, a economia, suas lojas e seus

espaços de lazer, dando ênfase nos festejos juninos. Em Os bailes juninos nos clubes de Aracaju, buscamos examinar como se deu o surgimento dos clubes e como esses espaços foram ganhando visibilidade na sociedade. Além de destacar, como passaram a incluir os festejos juninos nas suas programações. No terceiro e último capítulo, intitulado os bailes invisíveis: as festas dos populares, apresentando como eram realizadas as festas juninas nas ruas da cidade de acordo com as bibliografias, fazendo uma análise comparativa como os jornais, que não divulgavam as festas que ocorriam fora dos clubes.

1- Um panorama das festas juninas e da cidade de Aracaju nos tempos da guerra

1.0 A cidade, o comércio e os seus espaços de lazer na década de 30 a 40

Aracaju, desde o seu surgimento, ao final do século 19, até meados dos anos 1930, ocupou vinte quilômetros quadrados da superfície. Ao leste o estuário do rio Sergipe, ao oeste os alvos areais da penitenciária do Estado, ao norte as faldas do Morro do Urubu e, ao sul, as extensões alagadiças cobertas de mangue. As ruas mais próximas do rio Sergipe foram conquistadas gradativamente. A Avenida Rio Branco, onde está localizado o alto comércio, a Avenida Ivo do Prado, cheia de residências burguesas.

A zona norte, envolvia o distrito Chica Chaves, que foi rebatizado e passou a ser chamado de Bairro Industrial, notado pelas fumaças escuras das chaminés das fábricas têxteis. Na mesma zona, localizava-se o Santo Antônio, bairro marcado pela presença da Igreja do mesmo santo no alto da colina. A oeste, estão as residências dos proletários, os bairros Joaquim Távora e Siqueira Campos conhecidos por serem populosos, barulhentos e onde ocorriam as mais animadas festas juninas. (CABRAL, 2002)

O comércio ficava restrito às ruas João Pessoa, José do Prado Franco, Itabaianinha, Laranjeiras e as Avenidas Rio Branco, Otoniel Dórea e a Praça General Valadão. De um lado, na rua João Pessoa, estava o Hotel Central, que tinha no andar térreo a Sorveteria Primavera, local predileto da meninada. O Palácio das Joias, ponto frequentado pelas madames, a Casa de Móveis Chaperman & Filho, que pertencia ao carismático Abrão. No fundo da loja, existia um jogo de gamão, frequentado por Juizes, Procuradores, Secretários de Estado e altos funcionários. No edifício Leal, estava livraria Regina, que servia como local de encontro dos

intelectuais sergipanos.

Entre os anos 1930 e 1940, o Carrossel de Tobias foi uma das maiores atrações das festividades. Servia como diversão para as crianças nos dias de domingos e feriados, uma vez que, nessa época, o cinema quase sempre exibia filmes que não eram adequados a criança. (MELLINS, 2007). Ambientes como Ponto Chic, Café das Sete e o Central eram pontos dos homens de negócio, caracterizavam-se como espaço público onde aspectos da vida cidadina vinham à tona, ir a ele era sondar a vida alheia. Além disso, esses estabelecimentos ofereciam bebidas, refrescos, charutos e sorvete, atendendo um público diversificado.

Além do comércio, do carrossel e dos cafés, também havia a diversão dos cinemas. Os cinemas Rio Branco (à Rua João Pessoa), Guarany (à Rua Estância), São Francisco (à Praça Siqueira de Menezes) Rex e Vitória (ambos à Rua Itabaianinha) serviam como espaços de encontros entre os aracajuanos. As exibições ocorriam em lugares que chegavam a comportar 1.200 pessoas. Com preços diferenciados e relativamente acessíveis, esses locais eram frequentados por diferentes grupos da sociedade. (MAYNARD, 2013). O estádio Adolfo Rollemberg marcado pela presença dos clubes, o Contiguiba, o Sergipe, Palestra, Vasco, Paulistano, entre outros. que atraíam torcedores fanáticos em tempo de competição futebolística. Os clubes também serviam como espaços de realizações de festas, os seus salões eram movimentados no Natal, nos bailes Carnavalescos e os festejos juninos (CABRAL,2002).

1.1- Economia e a política

Em 1930, a política nacional foi marcada por um movimento armado de oposição, liderado por Getúlio Vargas, que tornou-se presidente do Brasil em caráter provisório, ao depor o governo de Washington Luís. A mudança de liderança política, resultante da ascensão de Vargas à presidência, ficou conhecida como a Revolução de 30. (SKIDMORE, 1975, p. 21). A chegada à presidência se deu em um momento caótico na economia e no cenário político. A crise de 1929, forte recessão econômica que atingiu o capitalismo internacional, impactando na exportação do principal produto do país, o café. Diante de tal situação foi preciso buscar novas alternativas econômicas. O governo estimulava setores privados, que dispunham de acumulação de capital, para investir na industrialização. (DANTAS, 2014, p. 77)

O Governo Provisório (1930-1934) caracterizou-se pelo início do processo de centralização do poder, pela eliminação dos órgãos legislativos em níveis federal, estadual e

municipal e ausência de eleições. Também foram criados novos ministérios como o Ministério do Trabalho, o qual regulamentava as relações de trabalho, fixando a jornada diária em oito horas e cria a carteira de trabalho. O ministério da Indústria e Comércio e o Ministério da Educação e Saúde, ambos em 1930. Essas medidas, foram acompanhadas da nomeação de interventores estaduais. No estado de Sergipe, o tenente Augusto Maynard Gomes tomou posse do cargo de interventor do Estado durante essa fase do governo provisório. Com passado revolucionário, no qual participou das revoltas tenentistas, acabou sendo mal visto para os conservadores da região, tendo seu governo estabelecido devido ao apoio dos setores médios da população, como militares, intelectuais e burocratas. Enquanto a nova Constituição estava sendo elaborada, os políticos em Sergipe preparavam-se para o embate eleitoral, realizado em 1934. À medida que o período eleitoral se aproximava, o clima da campanha tornava-se tenso e marcado por conflitos corporais, tiroteios e prisões. Diante do cenário caótico e das pressões dos conservadores, Maynard renuncia em 1935. No mesmo ano ocorre a ascensão do capitão Eronides Ferreira de Carvalho, ligado aos setores conservadores da sociedade que, passou a realizar ações repressivas, censurando e fechando jornais e perseguindo adversários políticos. (DANTAS, 2014, p 79). Na economia, criou-se a Diretoria da Agricultura do Estado, Eronides fixou o número de secretarias, justiça e negócios do interior, fazenda, agricultura, indústria viação e obra pública. Porém a economia ainda dava sinais de fraqueza, como destaca Figueiredo:

“A indústria e, principalmente, o comércio, não brilham pelo progresso, o Estado castigado por velha estrutura rural, sustentáculo de muitos erros e privilégios. Continua a gritaria contra o custo de vida, apesar da prefeitura de Aracaju, através da sua Comissão de Tabelaamento, tentar frear os preços da farinha de mandioca, \$300 o litro, arroz, quilo, 1\$000, carne verde, quilo 2\$000, charque, quilo 5\$000, ovos, dúzia 2\$400 e leite, litro 1\$000.”(FIGUEIREDO,1975)

Durante o Governo Constitucional, ocorre a Revolta Comunista, conhecida como Intentona, em oposição ao governo. O Partido Comunista Brasileiro estava ilegal desde 1927 e muitos de seus membros participaram da ANL (Aliança Nacional Libertadora). No entanto, também seria extinta e vários dos seus membros foram perseguidos. Alguns setores do PCB e da ANL tentam tomar o poder através das armas e, então, articulam a ação conhecida como: “Intentona Comunista”, de 1935, dirigida por Luís Carlos Prestes (1898-1990). O golpe não se concretizou e a repressão foi feroz, incluindo torturas e prisões ilegais por parte da polícia política chefiada por Filinto Müller. Dois anos mais tarde, em 1937, Getúlio Vargas alega que existia outra tentativa de golpe comunista, conhecida como Plano Cohen. Este será o pretexto

para o fechamento do Congresso, cancelamento das eleições presidenciais e a anulação da Constituição de 1934.

Em 1937 ocorre o golpe do Estado Novo, vinculado as ideias antiliberais e antidemocráticas que vinham prosperando nos últimos tempos. Em Sergipe, o período correspondente em 1937 a 1945 foi marcado pela interventoria de Milton Azevedo, com um curto mandado, iniciado e finalizado no ano de 1941. Em 1942, tem início o segundo governo de Maynard Gomes. A segunda interventoria melhorou no aparelho administrativo do Estado, com a consolidação de leis trabalhistas, construção de casas populares, ações que acarretaram o carisma dos operários ao interventor. Além disso, essa segunda fase do governo será marcada pela interferência da Alemanha, a agressiva da potência do Eixo, que autorizou o torpedeamento de navios brasileiros. Em relação à economia, o açúcar ainda era o principal produto de exportação, mesmo em um período no qual ocorreu uma redução dos engenhos. Além desse produto, havia a produção do algodão, arroz e a criação do gado. O algodão, além de ser exportado, era usado nas fabricas têxteis, marcando a produção do perímetro urbano onde as indústrias estavam localizadas. Porém, nos anos 40, marcados pela crise de escoamento, devido a eclosão da guerra, os países diminuíram as exportações por vias marítimas devido aos ataques no mar.

1.2-Os torpedeamentos

O Brasil se manteve em uma posição de neutralidade no início do conflito bélico, que eclodiu no continente europeu. Na tese de doutorado de Andreza Santos Cruz Maynard, intitulada “De Hollywood a Aracaju: A Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)” podemos entender como a neutralidade do Brasil foi modificada após a III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas, sediada na cidade do Rio de Janeiro, entre 15 e 28 de janeiro de 1942. Analistas da situação política da época, consideraram esse momento como sendo o primeiro passo em direção contrária à neutralidade brasileira, já que na noite de 28 de janeiro o ministro Osvaldo Aranha, com a permissão de Vargas, anunciou a suspensão dos acordos diplomáticos com o Eixo. As consequências da decisão brasileira não demoraram a aparecer, vários navios foram torpedeados ainda durante o primeiro semestre de 1942. A partir de fevereiro de 1942, as investidas contra os navios mercantes brasileiros tornaram-se mais frequentes. Na costa norte-americana foram atacados os cargueiros Buarque (15 de fevereiro), Olinda (18 de fevereiro), Arabutã (7 de março) e Cairu (8 de março). No Atlântico Norte-central foi torpedeado o Cabedelo (25 de fevereiro), a

Paraíba (1o de maio) e a Comandante Lira (18 de maio). No mar do Caribe foram atacados o Gonçalves Dias (24 de maio), o Alegrete (1o de junho) e o Paracuri (5 de junho). Além dos que foram atingidos no Oceano Atlântico como o Pedrinhas (26 de junho), o Tamandaré (26 de julho), o Barbacena e o Piave (ambos em 28 de julho).

Depois da III Conferência de Chanceleres, o Brasil continuava a se declarar neutro diante da Guerra, apesar de ter cortado relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão em nome dos ideais Pan-Americanos. Os navios mercantes brasileiros transportavam matérias primas e produtos que mantinham o comércio com os Estados Unidos. Como um dos objetivos do Eixo passou a ser justamente atrapalhar as transações comerciais e o abastecimento dos países Aliados, as embarcações brasileiras rapidamente se tornaram alvos e entre os dias 15 e 17 de agosto de 1942 o submarino alemão U-507, comandado pelo capitão de corveta Harro Schach, realizou “manobras livres” na costa brasileira, ocasionando a morte de centenas de pessoas. Cinco embarcações levavam 837 pessoas a bordo, quando foram encontradas e atacadas pelo U-507. Em decorrência do afundamento do Baependy, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba e Arará, 652 pessoas morreram. Civis e militares, homens, mulheres e crianças padeceram da ofensiva da marinha alemã. (MAYNARD, 2013). Os torpedeamentos acabam provocando revolta por parte da população, que saem as ruas a procura de culpados. Além disso, afetou o cotidiano, com a escassez de produtos, aumento dos preços, proibição de frequência de certos lugares e as festividades realizadas na região.

1.3-As festas na cidade

Aracaju sempre foi envolvida em clima festivo, a cidade que Mario Cabral apresenta, como sendo pacata e com uma vida noturna quase nula., que às 22 horas as ruas estavam tomadas pelo silêncio, os cinemas fechavam, os letreiros luminosos se apagavam e os bondes paravam de funcionar às 23 horas, ganhava um cenário diferente nas datas festivas como o Carnaval, o São João e o Natal. Na década de 30, ponto de encontro mais tradicional para as comemorações de São João, era na rua de mesmo nome da popular festa. Nesse sentido é interessante observar a crônica de Joel Dias publicada no O Nordeste:

Crônica de S. João

Joel Dias

Acho interessante a festa do S. João. Excessivamente exótica. Bem diversa, distinta das demais festas anuais. O carnaval, os festejos natalinos chamam o povo a uma rua, a um ponto de convergência determinado!

O S. João, não!

O S. João é liberal... não requer esforço. O povo brinca sem a preocupação de um terno novo... os festejos joaninos representam bem o reflexo do espírito nordestino. E tão brasileira esta festa, como o é o samba! E a festa do povo. Sem dogmas sociais. O seu desenvolvimento é centrífugo. O S. João no perímetro urbano não é sinão do que uma panela de pipoquear milho.... Aqui, um menino tímido com o auxílio do seu pai, depois de muito tempo de medo e de indecisão solta um canudinho. Ali, um muleque assás estouvado acende o estopim de um traque e deixa explodir nas extremidades dos seus dedos acolá, outro joga busca-pés que saem chiando em zig-zag e sem rumo pelas ruas, para explodirem no telhado de um velho que dorme inocentemente ou dentro de um pobre bonde que passa sonolento...E de resto é **la meme chose** pra variar. Nas ruas do povo pobre é onde se brinca o S. João. E é bem animado. Nas portas ardem fogueiras enormes, nas paredes velhas e sem tintas queimam lanternas matizadas. As novenas são constantes e o batuque incessante dos sambas enchem o ar de vibrações sonoras e inebriantes cada transeunte, por mais indiferente que pareça ao samba é um hábil sambista, porque seu coração batuca... e por mais que se domine, por mais que retenha seus músculos ao baculejo que o samba ordena, ainda balances com a cabeça ou dedilha sobre o chapéu numa cadencia impecável. Todo menino sabe sambar. Todo rapaz sabe manejar artisticamente com o bombo, o gonzá ou a cuíca. E já bem tarde, enquanto as ruas calçadas e ricas dormem o seu sono de indiferentismo, as ruas dos pobres começam a se esquentar, porque as fogueiras já estão reduzidas em brasas. As ruas enfoqueiradas assemelham-se às guerras noturnas dos bárbaros. O observador que desconheça os festejos das chamas e os estampidos contínuos, dos fogos, tem impressão de que a cidade foi subjugada pelo vandalismo. Não! E a cidade, é o povo que brinca. E que o fogo secou a lagrima do povo! E o povo pobre e triste fugiu um instantinho dos grilhões do sofrimento para depositar na alegria do S. João o seu sorriso. O choro desaparece ao rebumbar do batuque, porque o S. João foi eleito pelo povo! O samba veio da África, desceu do morro e tornou-se brasileiro. (**O Nordeste**, 30 de junho de 1939, ano II, nº 313.)

O cronista aborda a festividade junina destacando seu caráter popular e a mobilização que causava na cidade, a ponto dos cidadãos superarem, ao menos momentaneamente, os problemas sociais e econômicos existente na época. Nota-se que, em 1939, os festejos juninos já faziam parte da programação cultural da cidade, principalmente integrando os momentos de lazer da população mais pobre.

Já o carnaval era comemorado na rua de João Pessoa, em toda sua extensão, encontrava-se os carros alegóricos, indo de um lado para o outro. A rua era enfeitada pelos foliões, generalizados pelo uso das fantasias, pelos confetes e lança-perfumes. O povo dançava nos famosos bailes do cinema Rio Branco, no Clube dos Diários e o Recreio Clube. Porém toda essa folia tomou rumos diferentes após a guerra de 1939, como o frevo, devido a carestia e ao contexto de guerra. Como apresenta Figueiredo:

Mas, como o brasileiro despolitizado não é de ferro, ele brinca o carnaval. Para esquecer o atraso e a carestia. Surgem, em Aracaju, muitos blocos, entre eles “Legionários de Sergipe”, “Paladinos Democráticos”, “Fuzarqueiros Árabes”, “Piratas do Amor” “O Palhaço o que é.” Há um bloco que, na maior autenticidade,

erra no português, mas acerta na folia. É o “Broquinho do amô”(FIGUEIREDO, 1975, p. 51)

Assim como o Carnaval, o São João era comemorado nas ruas, nos bairros e nos diversos clubes da cidade. As ruas entravam em uma disputa para mostrar qual estava mais enfeitada por bandeirinhas coloridas. Desde as novenas, as residências se encontravam com o altar enfeitado, com as velas cintilando. Na véspera do Batista, as ruas de Lagarto e Bomfim tornavam-se centro da atração, a rua Estância, com a bodega de Zé Narciso, ponto dos boêmios. A euforia nas ruas, não se dava apenas pelas fogueiras, bombas e o som da zabumba, havia também as disputas da corrida de fogueira, como mostra a nota abaixo:

Regulamento para a para rústica denominada “Corrida da fogueira”

Artigo 1- a partida será da praça Fausto Cardoso, em frente ao relógio

Artigo 2- O itinerário será o seguinte: Praça Fausto Cardoso, rua Pacatuba, praça Camerino, rua Nossa Senhora da Gloria, rua Vila Nova, rua Itabaiana, praça Olimpio de Campos, rua Itabaianinha, Av Coelho e Campos, Av João Ribeiro, Ladeira de Santo Antonio, Av João Ribeiro, rua João Pessoa e chegada na praça Fausto Cardoso.

Artigo 3-Fica aberta no Departamento de Propaganda e Divulgação do Estado, inscrição para corredores de qualquer nacionalidade, pertencentes ou não a clubes filiados, às corporações militares, bem como a todos que desejarem tomar parte individualmente (corredores avulsos) desde que preencham as seguintes condições:

- a) Ser mais de 16 anos;
- b) Estar fisicamente apto para a prova
- c) Estar regularmente inscrito
- d) Não estar cumprindo penas nas Entidades do país.

Artigo 4- as inscrições serão gratuitas para todos os concorrentes, devendo as mesmas serem entregues na Secretária Esportiva do Departamento de Propaganda e Divulgação, até às 17 horas do dia 5 de junho do corrente ano.

Artigo 5- será cumprida uma rigorosa fiscalização, tanto na saída como no percurso e chegada

Parágrafo único- o corredor que for encontrado em falta, (auxilio de extranhos, etc).. será sumariamente desclassificado.

Artigo 6- o corredor que prejudicar os demais concorrentes (segurar, etc) será imediatamente desclassificado.

Artigo 7- os juízes de percurso têm poderes para anotar e desclassificar qualquer corredor em falta..

Artigo 8 – os corredores deverão comparecer ao local devidamente uniformizado (camisa, calção e sapatos), sob pena de não tomarem parte na competição, a critério da Comissão.

Artigo 9- o corredor que deixar de pular qualquer uma das fogueiras existentes no percurso será desclassificado.

Artigo 10- os corredores serão numerados de acordo com ordem de inscrição

Parágrafo único- os corredores deverão trazer os respectivos números que se apresentarem sem numero não poderão tomar parte da corrida.

Artigo 11- a partida dos concorrentes será dada com um aviso prévio de advertência: ATENÇÃO.

Artigo 12- cabe a Comissão Diretora resolver qualquer caso técnico e de direção omissos no presente regulamento.

Artigo 13- a chamada dos concorrentes será feita meia hora antes do inicio da prova.

VIRGILO TORRES (chefe da seção esportiva) (**O Nordeste**, 5 de junho de 1939, nº 295)

O evento movimentava a cidade e tinha um número considerado de inscritos do gênero masculino, tanto por ser um fenômeno com cunho gratuito, aparentemente, como por não segregar socialmente, ou seja, independente da classe, filiado ou não a clube o indivíduo, maior de 16 anos e fisicamente apto, estava liberado em participar. Além disso, observa-se que havia fiscalização em torno dos sujeitos que tinham algum precedente criminal, e em um contexto do qual vigorava a política do Estado Novo, que divulgava a moral e a padronização, era comum a vigilância acerca desses indivíduos.

Mas em 1939, no perímetro urbano, nas ruas proletárias, a festa não apresentou muito animo, devido à crise econômica que afetou o país no pós-guerra. Com esse cenário, os jornais de época começaram a divulgar sobre como estavam às festas do povo. Segundo a manchete do Correio de Aracaju:

O São João nos subúrbios

“O repórter do jornal percorreu os subúrbios para ver como ocorreu o S. João. São três pontos os visitados: Aribé, ruas Bomfim e Vitória. Eis as missões.

Rua do Bomfim

“havia um grande silêncio em tudo”.

“muita gente passeando. E um silêncio grande... onde estavam os sons animadores dos batuques?”.

Rua da vitória

“... o mesmo silêncio e a mesma tristeza...” o boi não estava gemendo, a zabumba não apareceu.

Um pó mastro não fora levantado, e nem uma fogueira havia na rua da vitória. E o repórter veio prá cidade a lamentar, e sem compreender, aquela decadência...

Aribé

“As ruas estavam cheias de sons de zabumba”.

“numa sala enfeitada de papel de todas as cores, os pares dançavam. Adiante, outro samba:

“no pé do cajueiro
onde vou apanhar castanha
aribé pitu-pitanga
pitu-pitanga castanha...”

“sons de cuíca enchiam a rua. Moças e rapazes conversando alto”.

Onze horas. Não há mais bondes. O jeito é tomar um carro de praça e ir ao Bonfim...

“ (**Correio de Aracaju**, 1939, nº1338, p.01)

O Correio de Aracaju foi um dos jornais da época que resistiu ao conjunto das repressões próprias dos regimes autoritários. Pode-se dizer que era um jornal ligado aos trabalhadores urbanos e estava empenhado em lutar pelas mudanças. (DANTAS, 2004). É por isso que o jornal tratou de fazer uma cobertura sobre como procedeu a festa junina do povo. Notamos que nos bairros como Bomfim e Vitória quase não houve movimentação. Em

contrapartida, o Aribé ganhou destaque pelo som da zabumba que ressoava dele. O que era de se esperar de um bairro grande e populoso, no qual a população era constituída de operários e de pequenos proprietários. Destacado como sendo um lugar que tinha vida própria devido aos seus mercados, cinemas, padarias, casas comerciais, seus centros esportivos e suas sociedades recreativas. Sem contar a oficina da estrada de ferro e a nova estação ferroviária. O bairro era ativo, alegre e movimentado por uma multidão de trabalhadores transitando em seus espaços. (CABRAL, 2002)

Em 1942, após os torpedeamentos, o que era algo distante passou a fazer parte do cotidiano dos cidadãos, obrigando-os a encararem o conflito. Os ataques realizados pelo submarino alemão U-507, sob comando do Korvettenkapitän Harro Schacht, com um saldo de mais de 600 mortos, a população aracajuana recebeu a notícia um pouco tarde. O DIP sob direção geral de Lourival Fontes, emitiu diretrizes para todos os DEIPs no dia 05 de abril de 1942, as quais proibiam a divulgação de notícias sobre agressão aos navios de quaisquer nacionalidades em águas brasileiras, para não gerar tumulto entre a população. (ASSIS; MAYNARD, 2013).

No entanto, as cenas dos mortos chegando às praias chocavam os sergipanos que horrorizados com os atentados foram às ruas de Aracaju manifestar sua indignação, procurando culpados. Com isso, houve perseguição aos estrangeiros e aos “quintacolonistas”, declarados apoiadores do eixo, os quais foram considerados responsáveis em passar informações, possibilitando o ataque ao litoral. A população foi às ruas e depredou a casa do italiano Nicola Mandarinio, um italiano que vivia na capital há mais de quarenta anos, foi condenado com um dos culpados pelo ocorrido.

Com a guerra, o governo optou por um discurso motivador para mobilizar a população para o reforço da guerra contra o nazismo. Decretos foram lançados, permitindo que os ministérios do governo adotassem medidas em prol da guerra. Com isso, várias organizações de iniciativa civil e governamental ficaram conhecidas por participarem do esforço de guerra, como a internacional Fraternidade do Fole e a Sociedade Amigos da América. No Brasil foi criada a Legião Brasileira de Assistência (LBA), lançaram também a Campanha dos Metais, Campanha da Borracha, entre outras. (SANTOS, 2020)

Em 1943, o custo de vida do Brasil aumentou 43% em comparação a 1939. Como apresenta Lochery (2015). O governo procurava medidas para combater a situação e controlar a inflação que atingia o país muito antes da guerra, e com ela só piorou. As Comissões de Tabelaamento, criadas desde 1939 (2020):

“1944, o interventor baixou o decreto n. 128 de 17 de janeiro de 1944, no qual obrigava a todos os criadores de gado, a concorrer para o abastecimento de carne à população com 10% anuais sobre os seus rebanhos. O decreto também fixava que a exportação desses animais para outros estados só seria permitida quando feito o abastecimento local. Através da medida, se evidencia a intervenção estatal autoritária, característica do Estado Novo.” (SANTOS, 2020, p. 34)

Mesmo assim, apesar das dificuldades, a sociedade aracajuana continuou realizando festas e utilizando o espaço urbano para diversos momentos comemorativos. Barbosa (2015) em sua obra “O cotidiano de Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial: um estudo a partir dos torpedeamentos e 1942” aborda como a população encontrou formas para driblar a situação. Destaca sobre o carnaval, no qual a população demonstrava o espírito carnavalesco. Principalmente os clubes da cidade, que seguiam a todo vapor para a organização. Porém, apesar do clima de folia, percebe-se que havia uma preocupação com a manutenção da moral e dos bons costumes, mostrando uma sociedade que zelava pela sua imagem e ordem. Essa repressão era característica do governo do Estado Novo. Assim como o carnaval, os festejos juninos também movimentavam a cidade, mesmo vivendo em um clima de crise econômica e tensão, os clubes eram os principais locais de sociabilidade da época, onde se realizavam as festas voltadas ao público aracajuano. (BARBOSA, 2015)

2-Os bailes juninos nos clubes de Aracaju

2.0- A hierarquia do espaço privado

No início do sistema republicano, Aracaju se configurava como uma cidade atrasada visto que a economia era baseada na agropecuária, principalmente no cultivo da cana e o algodão, diferentes das outras cidades do Brasil, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, que foram as pioneiras no processo de modernização. Tal procedimento foi implantado nessas cidades devido ao período da Belle Époque europeia, que visava levar o progresso. Contudo, na década de 30, perde-se, um pouco, a característica de agroexportadora e ganha uma nova conjuntura voltada para a industrialização, na qual propiciou a formação de uma classe urbana, marcada pelo trabalho fabril. É nesse momento que o lazer começa a ser delineado, pois os indivíduos que compunham as classes sociais, em seu tempo de não trabalho, começam a procurar espaços de recreação.

A princípio, os espaços eram mais simples, pois as pessoas estavam acostumadas a utilizarem os locais públicos, a exemplo das praças, que eram frequentadas para comemorar festas religiosas. Logo mais, em meados do século XX, foram surgindo espaços de lazer mais

modernos, devido à urbanização promovida por Vargas. Pontos como bares, cafés, cinemas, teatros e os clubes passaram a ser os principais locais frequentados. (SANTOS, 2019).

Em Sergipe, com a criação desses espaços privados, grupos foram excluídos e incluídos. Esse processo se sustentou por questões econômicas, sociais e culturais que são utilizadas para construir e legitimar as diferenças entre os indivíduos e grupos na sociedade. Os clubes, na época, ao constituírem como espaços em que se realizavam as principais comemorações festivas da cidade, acabaram promovendo a separação social entre os aracajuanos. Antes da criação de espaços restritos, a população estava acostumada com a publicização dos divertimentos em que se não todos participavam, ao menos todos podiam visualizar. Dessa forma, observa-se que na década de 1940, as festividades realizadas nesses espaços de recreação, como é o caso dos festejos juninos, foram perdendo a sua característica de simplicidade, como eventos que aconteciam nas ruas, frequentados por pessoas simples e passaram a ser comemorados em diversos clubes da capital. Notamos a consolidação desses fatores, em periódicos como o Correio de Aracaju que afirmou:

Título: Grandes Festas Juninas

A Associação Atlética de Sergipe oferecerá aos seus associados animados saraus, nos próximos dias 23 e 28, às 21 horas. As festas Joaninas da Associação Atlética de Sergipe proporcionarão à sociedade aracajuana noites de elegância, de fino gosto, de alegria, em ambiente de verdadeira cordialidade. Serão distribuídos ricos prêmios e aos senhores, senhoritas, rapazes e aos senhores casados, maiores de 40 anos, que mais vida derem às festas e apresentarem bom gosto no traçar (sic). O dia 29, às 16 horas, será comemorado o “S. João Infantil”, mantineé dedicada às crianças. Filhas dos sócios da Associação Atlética de Sergipe. Mesas reservadas para 4 pessoas: Cr \$25,00, com direito aos tradicionais caruru e canjica. Os pedidos de mesas reservadas deverão ser encaminhados por intermédio da Casa Vivinha. A confirmação das mesas reservadas deverá ser efetuada até o dia 29 do corrente mês, tornando-se indispensável o prévio pagamento das mesmas para ter o direito de posse, comprovado com a apresentação do necessário ‘ticket’. Traço (sic): para senhoras e senhoritas, vestido de chita, para senhores, de passeio. (**Correio de Aracaju**, 16 de junho de 1945, p. 3)

Conforme destacado acima, o jornal descreve com serão as festas juninas no respectivo clube, responsável em proporcionar aos seus sócios uma noite elegante, alegre em um ambiente cordial. Essa cordialidade é típica de ambientes elitizados, no qual garante se o “ordenamento” e a “civildade” dos que compõem o local, diferenciando-se dos outros espaços de lazer. Além disso, nota-se que a participante com o traje mais elegante, seria premiada.

Isso revela um processo de assimilação da moda, estando apta em participar da festividade do espaço. Com a leitura, percebe-se que os frequentadores eram pessoas com boas condições sociais, uma vez que, para participar deveria ser sócio e estar com o

pagamento mensal efetuado. Portanto, observa-se que a forma de recreação em espaços privados foi se estruturando como um determinante social, servindo para ostentar o luxo entre as pessoas de uma mesma classe, demonstrar a riqueza de um lugar e principalmente para reforçar as hierarquias. (SANTOS, 2019). Além disso, os clubes foram responsáveis em redimensionar o caráter de manifestações populares, redefinindo padrões sociais e as suas festas fizeram nascer uma nova manifestação cultural.

2.1- A imprensa como veículo de estímulo ao lazer

Neste momento de modificações sociais, o próprio lazer passa a ser utilizado estrategicamente para o exercício de poder, este fato é típico dos regimes de inspiração ditatorial. O governo forte e centralizador detêm os meios de comunicação exercendo uma censura rigorosa sobre as informações, ao fazê-lo mantém para si a divulgação dos temas relevantes para a manutenção do próprio sistema. O governo encabeçado por Getúlio Vargas, que tinha funcionava, na prática, como uma ditadura, manifestava grandes interesses pela propaganda. (ALMEIDA, 2006)

Marco Antonio Bettine de Almeida, em sua obra “lazer no Estado Novo e os usos do tempo livre” explica que a primeira medida tomada pelo governo varguista foi a criação de um órgão com planos e objetivos de controle da informação, que foi instituído em 1932, sob a denominação de Departamento Oficial de Propaganda (DOP). A ação do DOP não visava somente o controle das informações e a publicidade. Previa, também, um direcionamento da opinião pública com vistas a legitimação do governo. Vargas utilizou o tempo livre das obrigações sociais, já que seu público alvo era a classe trabalhadora, para a sua propaganda política. O meio de comunicação privilegiado foi o rádio. O governo preocupou-se diretamente com as classes urbanas, percebendo que estão nelas os apoios políticos necessários para a manutenção do poder. (SANTOS, 2004)

No Estado Novo, o rádio passou de um público elitizado, desde sua inauguração em 1922 que tinha como programação concertos, recitais de poesia e palestras culturais, para um público mais amplo. O fator mais importante deste acontecimento foi o investimento do Estado na aquisição de receptores, anteriormente importados. Como apresenta Almeida (2006):

Segundo Avancini (1996) o rádio, antes de Getúlio, tinha uma finalidade cultural, educativa e altruísta - cabe lembrar que os anúncios pagos eram proibidos. Somente no Estado Novo é que o governo autoriza os comerciais nos rádios, deste modo há uma profissionalização das emissoras com artistas e produtores. A própria

competição para atrair anunciantes leva ao desenvolvimento técnico, bem como à popularidade do veículo. (ALMEIDA, 2006)

Para constituir as bases políticas do controle da informação, somado a necessidade de ampliar a rede de acesso da comunicação do governo em locais inóspito, o Estado Novo cria o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que teria ampla utilização política durante todo o governo de Vargas. O DIP passou a ter voz ativa no lazer, na vida intelectual e na saúde do homem urbano. Assim, passaram ao controle ou ao incentivo do DIP as associações esportivas e recreativas, as diversões públicas, tais como circos, bilhares e bailes (ALMEIDA, 2006). Este controle dos espaços de lazer, era exercido através dos jornais, que passavam pelo crivo do departamento, veiculando a mensagem do governo. Além disso, diferente do rádio, o jornal atingia um grupo seletivo, apenas aqueles que eram alfabetizados utilizavam o material. Como já mencionado, os lugares de lazer e os meios de divulgação recebiam estímulos do departamento para proporcionar a festividade na região. Com isso, nos diversos jornais que circulavam na época, era comum encontrar divulgações acerca das programações dos clubes, como mostrar registra de Aracaju, ao anunciar a festa junina no Clube Cotinguiba.

O baile de São João no Cotinguiba”

“Como valiosa contribuição aos festejos joaninos deste anno, o Cotinguiba reabrirá os seus salões, a noite de 23 do corrente, oferecendo um deslumbrante baile aos seus associados. Será uma encantadora noitada de interessantes diversões que, evocando um ambiente tipicamente roceiro, deliciará o espírito folgasão do grande número de associados desse sympathizado club, que, por certo, ali estarão emprestando o brilho de suas distinctas presenças. O seu salão de danças profusamente engalando com ramos vegetaes, a sua imponente fogueira e a clássica cangiquinha quente, certamente, darão o relevo de magna imponência que atingirá o apogeu quando o saudoso som de uma vibrante harmônica encher o ar de deliciosos acordes. Tal será a perspectiva brilhante com que o cotinguiba pretende homenagear os seus associados nessa memorável noite de s. João. Avisa, porém, esse club que somente terão ingressos sócios que apresentarem o recibo de n 6, isto é, do presente mez de junho, sendo vedada a entrada, indistinctamente, aos que, por qualquer motivo, não apresentarem o referido recibo. Fica esclarecido que o traje será facultativo, subtendendo-se que as senhoritas que possuem trajes de chitas, poderão se apresentar com os mesmo. As comissões ficarão assim distribuídas: De recepção: José Guilherme, João Dantas de Brito Lima, Astrogildo Silva e Surta, Rivanda Barros Lima. De porta: Luiz Vieira, das 21 horas às 22; Antonio Pereira, das 22 às 23, Luciano Sampaio, das 23 às 24, Claudomir Vieira, das 24 à 1; Antonio Cardoso, de 1 às 2; José Mesquita das 2 às 3. Será terminantemente proibida a entrada de menores de 10 anos. A Directoria.” (Sergipe Jornal, 22 de junho de 1939)

O clube contratava os meios de comunicação da época para divulgar a programação festiva. Com isso, supõe-se que essa forma de divulgação adotada pelo jornal, ao destacar que o clube oferecerá um deslumbrante baile, é uma forma de provocar o desejo do leitor em

querer participar da comemoração no respectivo clube. Portanto, é uma estratégia utilizada pelos jornais para captar mais anunciantes, como foi possível observar em um anúncio publicado pelo Correio de Aracaju, no ano de 1943, no qual se dizia o seguinte: "Anúncio sempre para maior resultado nos seus negócios."(Correio de Aracaju, 19 de junho de 1943, ano XXXVII, nº 430, pág. 1). Dessa forma, conclui-se que os diversos clubes da cidade utilizavam os periódicos para propagandear a sua festividade com o intuito de atrair mais sócios e frequentadores. E assim, esse veículo de informação acabava se tornando um meio de disputa dos diversos clubes. Com isso, além do incentivo dos jornais, que fomentavam a festividade, faz-se importante entender como as festas nos movimentados clubes ocorreram na década de 40, quando os conflitos eclodiram na europa atingiram a capital.

2.2- Os clubes e os outros espaços de sociabilidade na capital no contexto de guerra

O cenário mundial tomou rumos drásticos a partir do ano de 1939, quando a Alemanha, liderado por Adolf Hitler, invadiu a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial. A justificativa usada para tal invasão, partiu da teoria do espaço vital, que promovia o expansionismo alemão. Com isso, não demorou muito para que o Eixo (Alemanha, Itália e Japão) promovesse ataque as outras regiões. Em 1941, ocorreu o ataque em Pearl Harbor, pela força aérea japonesa, colocando a nação norte-americana em estado de guerra contra o Eixo.

A partir de tal acontecimento, ocorre uma pressão estadunidense para que a América Latina se posicionasse ao lado dos Aliados. O Brasil, governado na época por Getúlio Vargas, que relutava em assumir uma posição no conflito, uma vez que, a Alemanha e os Estados Unidos eram seus maiores parceiros nos acordos comerciais. Porém, com o EUA participando da guerra seria cada vez mais difícil manter a posição de neutralidade brasileira diante do conflito global. (SANTOS, 2019). Como já mencionando no primeiro capítulo, a III Reunião de Consulta dos Ministros das relações Exteriores das Repúblicas, torna-se o cenário principal da perda de neutralidade do Brasil, no qual anunciou a suspensão dos acordos diplomáticos com o Eixo. As consequências da decisão brasileira não demoraram a aparecer, várias navios foram torpedeados ainda durante o primeiro semestre de 1942. (MAYNARD, 2013). Com os ataques, a população saiu às ruas revoltada à procura de culpados, sendo os estrangeiros e integralistas seus principais alvos. Diante da situação, a cidade passou por treinamento aéreo e blackouts medida de segurança para evitar que o inimigo avistasse o território sergipano e atacasse novamente. Como mostra o jornal Folha da Manhã:

O "Blackout" de ontem

“Alcançou êxito no segundo exercício de Alerta Noturno nesta Capital. Ontem, teve lugar nesta capital o segundo exercício de alerta noturno, conforme vinha sendo amplamente anunciado. As lições dadas pela Diretoria Regional de Defesa Passiva Antiaérea por intermédio da rádio e imprensa locais, foram apreendidas pelo povo que soube se conduzir durante o treinamento com raras exceções. Nos primeiros instantes, somente alguns moradores das zonas que não foram atingidas no primeiro exercício noturno, demonstraram certa imperícia não só na defesa coletiva como também na própria defesa pessoal. Minutos depois essas pessoas vieram a melhorar sensivelmente a sua conduta para que o segundo exercício de alerta noturno se revestisse de êxito.”(**Folha da Manhã**, 19 de junho de 1943)

A necessidade de um estado de guerra, os blackouts impeliram mudanças na vida sergipana. Em Aracaju os fiscais enfrentaram problemas perseguindo aqueles que passavam do horário com as luzes acesas. Além disso, vários setores da sociedade sofreram alterações. A guerra provocou o disparo dos preços dos produtos. A comissão de tabelamento não conseguia barrar os vendedores nos mercados. Os comerciantes utilizavam de artimanhas para suavizar a situação e vender as suas mercadorias por um preço maior. Porém, devido à escassez de produtos só impulsionava a alta das mercadorias. Na época, muitos automóveis particulares tiveram a sua circulação proibida, devido a racionamento de combustível, instituído pelo governo.

Com isso, os bondes da cidade passaram a ser o meio de transporte mais utilizado, sendo bons indicadores dos problemas que a cidade enfrentou após a entrada no país na guerra, uma vez que, viviam abarrotados de pessoas. Além disso, com o efeito da guerra, as salas dos cinemas passaram a ser menos fiscalizadas, pois os responsáveis pelos ingressos não supervisionavam a entrada e a saída dos cinemas, quem preferia permanecer sentado ou de chapéu durante a execução do Hino. “Muitos dos frequentadores utilizaram dos espaços para demonstrarem o descontentamento do controle exercido pelo estado sob eles.” (MAYNARD, 2011). Os grupos que estavam à margem da sociedade, principalmente as empregadas domésticas, encontravam nos espaços públicos a sua forma de lazer. Passaram a ser vigiadas e perseguidas pelo Estado, devido a evasão ao comportamento exemplar. Para o governo, essa parte da sociedade precisava ser disciplinada. As reuniões na zona da Draga do Porto levantaram a suspeita das autoridades, levando ao questionamento a frequência de políticos e negociantes no local. Chegando a concluir que o motivo das reuniões noturnas se dava por integralistas, apoiadores do movimento do eixo. (MAYNARD, 2011).

Em contrapartida, alguns setores da sociedade apresentaram resistência às normas controladoras do Estado e procuravam medidas para burlá-las. Como é o caso dos bares e as

bodegas, locais de pouca respeitabilidade, situados na rua Bomfim. Constituíam-se a zona quente do comércio do sexo em Aracaju. Em seus bares era comum a presença das meretrizes. Além dos bares, havia o “curral”, região onde se localizavam os cabarés apelidados de “Pinga Sífilis” ou “Pinga-Pus.” Tais locais caracterizavam-se pela reação à disciplinarização imposta pelo Estado, principalmente ao operário, que nem sempre tinha condições de ir ao cinema, devido ao salário ser baixo. Dessa maneira, os bordéis constituíam-se em espaços de lazer em uma época onde este era escasso, limitado tanto por preços, quanto por opções. A procura dos cabarés não se dava somente pela razão sexual, mas também por encontrar uma boa conversa. Além da rua do Bomfim, se tinha também a rua Siriri e os Beco dos Cocos, outras conhecidas regiões da prostituição.

No “Beco” estava localizado o Vaticano, um “cabaré de classe” frequentado por operários, prostitutas, marinheiros e outros. Esses espaços apresentavam entre as suas possíveis funções sociais a de instituição preservativa aos problemas da área dos costumes. Para o Estado, era melhor manter essa região, no qual os seus frequentadores, “maloqueiros” e os demais clientes, excluídos da sociedade, no quais não estavam nos parâmetros de corpo saudável, de moderno, aparentemente silenciados pelo Estado e pela Igreja, encontrassem na região, oportunidades para participarem de uma comunidade. Além disso, os locais eram mantidos devido ao público frequentadores que o alimentavam, como os jornalistas, intelectuais, jogadores profissionais, que encontrava nos cabarés o seu lazer, afinal, não há prostituição sem cliente. E mesmo no contexto de guerra, na qual a capital enfrentava, os locais continuavam a serem frequentados. (MAYNARD, 2011).

Os clubes também foram meios de representações sociais presentes na época, constituídos pela elite para comemorar as diversas festas da região. Ao ser criado, o clube era regido por um estatuto, estabelecendo regras de condutas que ordenavam os seus participantes, instruindo as formas “corretas” ao divertimento. Como a política que vigorava na época exigia a ordem e a disciplina por parte dos cidadãos, nos clubes era possível observar um certo fomento desses dois fatores e por isso que o estímulo para a realização das festas partia também do órgão de comunicação vinculado ao Estado, como é o caso do Diário oficial que publica a realização da festa junina no Clube Atlético. Vejamos:

Associação Atlética de Sergipe- Animados bailes serão realizados por ocasião dos festejos joaninos

Como acontece todo ano, a diretoria da associação atlética de Sergipe promoverá este mês, nas vésperas dos dias de s. João e s. Pedro, dois grandes bailes, que constituirão por certo, a nota de sensação do ano. A “festa de chita”, como é conhecida, promete alcançar, mais do que em todas anteriores, o Máximo brilhantismo, reinando desde já, intensa animação nos nossos círculos sociais. A

tarde do dia 29, haverá matineé infantil nos bailes anunciados, tocarão duas excelentes orquestras. O traje para esses tradicionais reuniões dançantes será a chita, para as senhoras e senhorinhas, e para os homens a veste caipira ou de passeio. A esforçada diretoria da A.A.S. ,que tem agora à frente o dr. Gentil Tavares da Mota, acha-se empenhada em imprimir um ritmo de progresso e de maior vida aquela agremiação esportiva e, nesse pensamento emprestará todo apoio afim de que as próximas festas joaninas decorram esplêndidamente. (**Diário oficial**, 18 de junho de 1943, p 7).

Nota-se que o ambiente recreativo não foi tão afetado com o clima de guerra vigente no país. Ao analisar as programações dos clubes anunciadas nos jornais da época, percebe-se que quase não ocorreu nenhuma alteração na festividade devido aos torpedeamentos. Ao contrario dos outros espaços já citados nesse capítulo, como por exemplo, os cinemas, as praças e as feiras.

A Associação Atlética se tornou a maior personificação de representação da classe social a que pertenciam os políticos, médicos, advogados, empresários, industriais e entre outros. A entidade localizava-se na Rua Vila Cristina, nº 127, no Bairro São José, entreposto entre a recém-criada Avenida Barão de Maruim, como um dos nossos maiores corredores de acesso a automóveis e pedestres da época, com a Praça Camerino no seu prosseguimento, com as ruas do Espírito Santo e Dom José Thomaz no seu sentido. Outro ponto de suma importância na Associação Atlética de Sergipe era o comportamento e a conduta moral dos seus associados. Sempre foi alvo de grande preocupação por parte dos diretores, o critério na escolha e na aprovação dos indivíduos que viriam fazer parte do seu grupo de relações sociais. (SILVA, 2013) A instituição dedicava-se em construir seu espaço com os melhores equipamentos, muitos dos quais eram importados, justamente para diferenciá-la dos outros locais. Com isso, o local tornou-se rapidamente um ponto de encontro famoso em busca de divertimento.

Névito Silva, autor da obra “Um retrato em preto e branco da Associação Atlética de Sergipe entre as sombras do projeto republicano (1925-1949)” relata que a partir da década de 30 a instituição começou a promover um conjunto de festas sociais de grande repercussão para os padrões da sociedade sergipana, passando por temas variados, como os bailes de carnaval, as festas de Natal e Réveillon, as festas de reis, os chás dançantes, sem contar com as já tradicionais matinês que eram realizadas todos os domingos ao final da tarde. As comemorações tiveram uma referência de sucesso, por conta da agitação social que foi alcançada e pelas expectativas que passou a gerar naqueles indivíduos que a frequentavam.

Silva descreve que Associação não mais competia com as festas que aconteciam nas ruas, mas sim com as dos outros clubes. Por esse motivo que a instituição adotava uma

conduta de organização para se diferenciar e se destacar das outras instituições. Como o São João era um evento que envolvia todos os cantos da cidade, era visto como uma oportunidade para ser demonstrada essa superioridade em relação aos outros clubes. E isso era mantido por uma série de fatores que envolviam as atrações eram convidadas, como as grandes orquestras, os bailes de chitas e os prêmios que eram sorteados. (Silva, 2013)

O clube que disputava mais acirradamente com a Associação era o Cotinguiba, que tinha as suas atividades voltadas para práticas esportivas, como futebol e o remo, e algumas sociais. Atendia o público mais popular da cidade, centrado nas classes mais subalternas. Porém, esforçava-se para levar as festividades aos seus associados. Como mostra a nota:

Cotinguiba S. C.- Festa de S. Joao

São convidados os srs sócios e exmas famílias para o sarau dansante a realizar-se no próximo dia 23, véspera de s. João, a partir das 21 horas. A reserva de mesas pode ser feita, desde já, à rua João pessoa, 455. Para se evitarem possíveis aborrecimentos, avisa-se que só terão ingressos os sócios munidos do recibo numero 6 e as pessoas que apresentarem o respectivo convite, estando organizada uma poderosa “barragem” contra os “paraquedistas”As pessoas que desejarem entrar para o quadro social, podem requerer a sua admissão, sendo-lhes dispensada qualquer joia. José tomas Gomes da silva (1º secretário). (**Diário Oficial**, 16 de junho de 1944, ano XXXVIII, nº 3.662)

Notamos que a divulgação da festividade do respectivo clube difere-se da Associação Atlética, que ao ser mencionado pelo jornal vem com cunho apelativo. Como mostra o anúncio apresentado anteriormente no capítulo, que divulgava a festa da Associação e que prometeria um brilhantismo maior do que a do ano anterior. Em contrapartida, não encontramos esse tipo de divulgação do Cotinguiba. Porém, observa-se que havia um desejo em participar da festa, como destaca o anúncio ao mencionar que haveria uma “barreira” contra os “paraquedistas”. O jornal se referia aqueles que tinham o desejo imenso em participar da festividade, mas não possuía condições econômicas e sociais exigidas pela instituição e com isso procurava meios para burlar a regra. Como já mencionado em linhas anteriores, para se associar ao clube era fundamental ter os requisitos exigidos no estatuto, no qual era necessário ter um bom comportamento e boa conduta. Eram critérios exigidos pelos clubes, pois acreditavam necessário para consolidar o respeito e a credibilidade da instituição perante a sociedade. Portanto, a criação fortalece a desigualdade social já existente na sociedade. Além disso, há uma apropriação cultural, pois os clubes serão os responsáveis em promover as festas que outrora eram democráticas e ocorriam nas ruas. No caso dos festejos juninos, observou-se que os clubes passam a receber todos os holofotes que a festividade proporcionava. Enquanto isso, a festa que originalmente era do povo vai perdendo a sua

característica e originalidade.

3-Os bailes invisíveis: as festas dos populares

3.0-Origem da festa junina

As festas juninas é uma das expressões mais celebrada na cultura brasileira, portanto, faz-se necessário percorrer o caminho que as festividades trilharam ao longo do tempo. A tradição tem sua origem na antiguidade, onde os povos primitivos, especialmente os europeus, durante o calendário solar, comemorava o solstício de verão- fenômeno que provocava mudanças no percurso da órbita solar, com alterações consideráveis na duração da luminosidade do dia e do calor- repercutindo por esse motivo nos trabalhos agrícolas. No período que antecede ao cristianismo, estiveram atentas as mudanças e elas eram atribuídas a fatores mágico-religiosos. A relação com a produção agrícola era conhecida, por isso desenvolveram ritos propiciatórios que se realizavam no mês de junho, a fim de obterem a boa vontade de divindades que eles acreditavam serem responsáveis pela fertilidade das terras. (BENJAMIN, 1990). Um dos rituais era a festa do fogo, no qual se reuniam em volta da fogueira para se comemorar a fertilidade da terra e do plantio.

Como os povos antigos costumavam comemorar a fertilidade com rituais que o cristianismo considerava pagãos e não eram aceitos aos dogmas da igreja. Esta, por sua vez, coloca um véu-cristão na tradição. Os costumes e tradições que precederam ao cristianismo foram por ele incorporados. A igreja católica raramente confrontava com as tradições, cuidava sempre de cristianiza-las. Portanto, encontrou a data do solstício do verão, a oportunidade de homenagear São João Batista, que tem o nascimento no dia 24 de junho e assim os rituais que eram combatidos outrora, passaram a ser aceitos. Como mostra Belém (2010):

Mesmo tendo atribuído e difundido o novo significado cristão do ritual, o culto ao fogo continuou incomodando, por bastante tempo, muitos religiosos, que o consideravam ícone da perdição. A solução veio no Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563, época em que a Europa estava dividida devido à Reforma Protestante. Buscando a garantia da unidade da fé, a Igreja Católica instituiu, entre outras coisas, que as festas dos fogos seriam sinônimo de purificação. "... as fogueiras de solstício passaram a ser admitidas como "fogos eclesiásticos". Para isso, foram banidos todos os sentidos que a Igreja Católica chamava de "superstições". (BELEM, 2010)

Após aceitação da igreja, a tradição se espalhou por diferentes culturas e chegou até os portugueses que, como bons católicos, passaram a festejar o dia o Batista, como forma de agradecimento pelas boas colheitas. Com isso, a manifestação chegou ao Brasil, após a colonização realizada por eles. A festividade foi criando raízes no nordeste do país, por ser uma região mais agrária e com muitos devotos, tornando-se uma tradição de forte simbolismo cultural e social. Após o processo, os símbolos que passaram a representar esse ciclo são a fogueira, as quadrilhas, o forró e as comidas típicas. Além disso, são reverenciados nesse período os santos: São Antônio, São João, São Pedro e São Paulo. .

É preciso abrir um parenteses nestas considerações sobre a herança europeia nas festas juninas, para tratar de contribuições africanas e indígenas. As manifestações cristãs européias, ao chegar no país, começaram a se consolidar entre os pagãos da nova terra. Primeiro com os índios, que segundo Belem (2010) se impressionaram com as luzes das fogueiras que eram acesas pelos jesuitas e, admirados, se aproximaram dos religiosos, facilitando a evangelização. Logo após, foram os povos africanos, que com tráfico de escravos negros da África, entre os séculos XVI e XIX, também teve relevância no processo de associação religiosa da festa. Desta maneira, o candomblé chegou ao Brasil. O culto aos orixás, os deuses africanos, foi reprimidos pelos portugueses, que o consideravam feitiçaria. Na tentativa de burlar as perseguições, os orixás ganharam equivalências. Santo Antônio, São Pedro e São João, são também lembrados, respectivamente, como Ogum, Xangô e Oxóssi, no candomblé.

Diante desse trânsito cultural, diversos cultos foram difundidos e incorporados, as crenças em torno dos deuses se multiplicaram e os ritos se adaptaram às festas, adotando referências católicas. Como podemos ver, as festas juninas no Brasil passam a ser uma interação de diversas culturas, que foi se manifestando em diversos cantos do país, principalmente na região do nordeste, como também em Sergipe.

3.1-A festa junina comemorada nas ruas da capital

Na capital sergipana, em meados do século XIX, comemorava-se a festividade com a retirada de uma árvore lenheira nas matas do Manoel Preto ou na floresta da Ibura. No dia 31 de maio, em meio a tambores e foguetes, a população assistia à elevação do mastro que tinha no seu topo um estandarte de São João. (MELINS, 2007). Na véspera do São João, no dia 23 de junho, muitos dos logradouros públicos, como as ruas, praças e entre outros da cidade,

amanheciam enfeitados de pequenas bandeiras de papel de seda. Na frente das residências viam-se “mastros”, os arbustos ou árvores que eram postos, podiam ser de jenipapeiro, mamoeiro ou bananeira. Essa ornamentação era devida ao trabalho voluntário das famílias residentes nos locais. No dia 24 de junho, a partir de 5 horas da manhã já se viam passar nas ruas os vendedores de milho verde, oferecendo à mercadoria as pessoas interessadas em adquirir o produto.

À noite, nas fachadas de muitas residências viam-se as fogueiras acesas, muitas delas eram “armadas” como pagamento de uma promessa por uma graça alcançada junto a São João. Essas fogueiras serviam também para assar milho verde e para as brincadeiras de “pular fogueira”, por parte dos jovens. Às 19 horas, era a hora da ceia, uma refeição leve, constando café, cuscuz, macaxeira ou aipim. Depois das 20 horas, os rapazes e as moças passeavam animados com os sambas que ecoavam das ruas. Um dessas ruas, vai se tornar o principal palco da festividade junina durante 97 anos. (CRUZ, 1990)

A rua recebe o mesmo nome da festividade, “São João”, devido a presença do louvor ao santo que durante as novenas e procissões se faziam nela no período junino. Segundo Aglaé d’Ávila de Alencar em seu texto intitulado “Rua de São João: uma história viva na memória cultural de Sergipe” relata como se iniciou os festejos na rua São João. No início, moradores se reuniam para celebrar as novenas, que durante o mês de junho era rezada na casa de duas velhinhas que moravam no sítio na região chamada “Matinha dos Caboclos”. As irmãs tinham uma imagem de São João que elas chamavam de São João de Deus. A rua de São João nos idos de 1900 não tinha calçamento e as casas eram de palha, sendo os seus moradores pessoas humildes. Após as novenas, os moradores da rua, sob a liderança do Sr. Leobino Moura, organizavam uma festa em homenagem ao santo.

A comunidade se unia para ornamentar a rua com bandeirinhas, as famílias trocavam com os vizinhos as comidas típicas preparadas, acendiam fogueiras em frente às suas casas e se reuniam durante a noite. A comunidade local partilhava de toda organização necessária para o sucesso da festa, essa forma de ordenamento se aproximava das celebrações juninas típicas das pequenas cidades do interior sergipano. Em 1910, as irmãs falecem e nesse período, iniciou-se o processo de institucionalização da festa com o surgimento de uma comissão organizadora, composta pelos moradores da rua. O senhor Leobino assumiu a presidência da primeira comissão, que durou 36 anos. O que antes se fazia espontaneamente passa a ser planejado e organizado. Com isso, notamos os primeiros passos de alteração da festividade. Em meados da década de 30, o cenário festivo toma rumos diferentes de outrora. Segundo José Cruz, realizava-se anualmente, em Aracaju, as autênticas e animadas festas de

São João. Porém, se lamenta que as tradicionais festividades, nos idos dos anos 30, que tão agradava o povo aracajuano, por sua autenticidade, achavam-se completamente deformadas devido a introdução de brincadeiras importadas dos estados do Sul, que eram aceitas pela juventude da época, por acreditar que tais brincadeiras eram autenticamente sergipanas. Segundo o autor, esse processo de aculturação ocorreu devido à falta de orientação e de esclarecimento por parte do Poder Público, que relegava o folclore local.

Nesse sentido, observa-se que as obras antologicas e memorialisticas resgatam e apresentam as características e as formas que eram comemoradas as festas juninas pela população nas diferentes ruas da cidades. Em contrapartida, nos periódicos que circulavam na época, mal se viam notícias sobre as festas do povo, que eram celebradas com base comunitária e democrática, no qual todos na localidade contribuíam e festejavam. Porém, publicavam as programações das festas juninas dos diversos clubes da cidade. Com isso, abre-se um parêntese que, os jornais apresentavam apenas as festas realizadas nos clubes pelo fato do seu público alvo ser o principal frequentador.

No entanto, apesar de não ter notificado as festas que ocorriam nas ruas, eles divulgaram algumas características da festa que foram modificadas, tanto pelo contexto que a sociedade vivia, com a chegada da urbanização-industrializada- como também pelo contexto de guerra, já que o recorte temporal do respectivo trabalho corresponde entre 1939 a 1945. Dessa forma, veremos a seguir tais mudanças.

3.2-A festa na década de 40

Como já mencionado no segundo capítulo, no final da década de 30 e início da década de 40, a cidade sofreu algumas modificações, juntamente com o país. O desenvolvimento industrial foi um dos fatores do crescimento da oferta de emprego urbano, atraindo populações rurais e de pequenos municípios. Isto representaria uma considerável transformação social, com o crescimento do espaço urbano, o surgimento de novos bairros e ruas, maior movimentação econômica e, principalmente, o surgimento de novos atores sociais. Estes atores, dentro do contexto de uma nova realidade socioeconômica, também gerariam uma nova realidade para os seus elementos cotidianos, no nosso estudo específico, as festas juninas que serviam como recreação. Estes avanços econômicos e mudanças geográficas brasileiras da época, refletidos em Aracaju, traziam consequências em outras áreas: os elementos culturais brasileiros, por exemplo, mais ligados ao mundo rural, ao chegarem aos espaços urbanos, sofriam mudanças, permutando caracteres com o novo

ambiente ou criando novas tradições. As cidades e regiões receptoras dos migrantes, ao receber deles os seus elementos culturais, modificavam os seus, reelaborando-os de acordo com a nova realidade socioeconômica e cultural (SILVA,2010). Dessa forma,as festas juninas também passaram por transformações, podemos notar tal fato a partir da carta elaborada pelo Pe. Brito que publicou no jornal da época, como podemos ver:

Carta a São João

Meu querido e glorioso Santo precursor: escrevo-te daqui desta cidade silenciosa, triste e bucólica, nesta manhã fria de tua natividade, para te dizer a minha palavra amiga de saudação, no dia do teu aniversário. Sempre te quis muito bem, te festejei com muita alegria, acendendo a minha fogueira, queimando os meus balões e mandando para os céus onde moras, os meus pedidos, rezando essa tua homenagem, a minha oração confiante e fervorosa.passei o dia de hoje muito feliz, alegre e satisfeito, evocando numa doce e agradável recordação todo o meu passado em tempos que se foram aquela quadra bela e risonha de criança “que não volta mais.” Aqui, meu querido e glorioso santo, mais perto da natureza onde a vida é mais inocente e os sentimentos mais puros onde os homens são simples e amam com mais ardor a virtude, aqui neste recanto silencioso e bucolico, onde há mais alegria de viver e sinceridade na vida, é festejado, o teu nome pronunciado com respeito e carinho pelos meninos que, despreocupados soltam os seus TRAQUES e queimam CHUVINHAS, os moços que saltam as fogueiras e os velhos que, depois das novenas, olham no espelho das águas as suas fisionomias enrugadas para ver se alcançam no próximo ano o outro “S. João.” Aqui , tudo é diferente dai, tudo diferente da cidade, onde os homens são maus, presunçosos, cheios de orgulho e de respeito humano. Aqui, se cultua o passado e se guarda as tradições. Trabalha-se e reza. Hoje cedo a igreja ficou cheia, apinhada de gente. Eram fieis que afluíram de todas as circunvisinhanças para ouvir a tua missa e visitar o teu altar, meu querido e glorioso São João. Agora, á noite, as fogueiras, já acesas, estão crepitando. Elas, as fogueiras, meu querido santo Precursor, são bem o retrato, a imagem das almas devotas e simples deste povo amigo daqui do interior, desta gente boa e santa que te pede milagre: -o milagre da paz. Ouve, meu querido e glorioso São João, ouve e despacha o pedido do teu povo fiel e devoto. Não olhes os crimes dos que moram na cidade e te esqueceram o nome e blasfemaram contra Deus e contra ti. Ouve o pedido e escuta a oração do teu povo eleito, oração, que é tão quente como a labareda das fogueiras e tão sincera, tão pura como os sentimentos puros que se albergam no coração de cada um dos teus devotos, meu querido e glorioso Santo Precursor.(**Folha da Manhã**. 25 de junho de 1944)

Nesse sentido, a medida que Aracaju ganhava mais feição de cidade, com novos valores e novos costumes. A festa, que outrora foi bastante comemorada por todos, nos quais cultuavam o passado e mantinham a tradição, vai se modificando. Portanto, acredita-se que uma das consequências da perda da manifestação juninas na cidade, nesse período, se deu por dois motivos. Primeiro devido ao surgimento dos clubes, que acabaram se apropriando da festividade e promovendo uma magnifica festa. É importante ressaltar, pois haverá uma inversão cultural. A festa que dantes era realizada na rua não será mais cobiça pela população, e sim, as festas que eram realizadas nos espaços privados. Porém, nem todos poderiam participar da festa, por fatores sociais, politicos e economicos, e com isso eram excluidos.

Segundo motivo do desanimo, se trata da crise economica que já vinha afetando o país e com o contexto de guerra, se agravou. Como podemos notar, o padre apresenta em sua carta o seu saudosismo da festividade, que acabou se modificando ao chegar na cidade. Porém, ainda tem sua autenticidade no interior do estado. Assim como o padre, o governo do estado relembra aos seus cidadãos, como a festa é um evento de grande movimentação e como é importante festeja-la para a tradição cristã, como segue a nota:

SÃO JOÃO

A família brasileira vai festejar a data consagrada ao mais popular e mais querido de todos os santos do agiologio católico

As tradições populares deformaram a figura grandiosa do pregador dos desertos, convertendo-o num santo doméstico, preocupado em resolver as pequenas dificuldades da vida como um velho amigo de todas as famílias. Dai o jubilo ingênuo e espontâneo com que todas as cidade do interior brasileiro acendem as fogueiras dum entusiasmo sincero em louvor do glorioso taumaturgo. Estas demonstrações do jubilo popular são a mais eloquente demonstração de fidelidade do povo brasileiro ás mais formosas tradições cristãs que conformaram a psicologia da nossa gente.

Significam, também, nesta hora excepcional da nossa cultura, o repudio sincero as ideologias alienígenas que atentam contras as pedras basilares da sociedade e procuram a desnacionalização dos nossos costumes. A festa comemorativa de são João merece o mais desvelado incentivo do poder público. Nos grandes centros urbanos do nosso país ela não se reveste mais a jovialidade espontânea e do entusiasmo dos velhos dias da família patriarcal brasileira. Mas nos sertões nordestinos e mesmo nas cidades populosas do litoral ainda encontramos nos festejos joaninos os traços tradicionais nos folguedos e na dansa e, sobretudo, na nossa cozinha.

O são João de 1943 assume, porem, uma significação mais ampla

Os matros que se erguem em honra do taumaturgo expressam também um desejo sincero e consciente de manter bem firme a nossa tradição católica ante a ameaça da infiltração nazista desmoralizadora e pagã.

E as preces que as almas simples erguem, hoje, ao popular e querido anunciador de boa nova, da palavra evangélica que traria ao mundo a primeira semente de justiça social e de democracia, são pela vitória das armas gloriosas das nações unidas, defensoras da liberdade e das tradições mais caras à sentimentalidade da nossa gente. **(Diário oficial, 23 de junho de 1943, p 5, ano XXV, 55 de republica, nº 8.866)**

A notícia é iniciada com uma afirmação do governo, no qual assegurava a realização da festividade que não deveria ser exercida apenas para a demonstração da fidelidade do povo as tradições cristãs, mas também como forma de repudio a ideologia “alienigena”. Devido ao contexto, subõe-se que essa ideologia seja a do nazismo, e como o país estava justamente em guerra contra o Eixo, era de se esperar que o governo procurasse maneiras de confronta-los. Dessa forma, a festividade utlrapassaria as barreiras das tradições e passavam a ser também usada como instrumento de combate.

Além do estímulo do governo, observa-se também que havia uma pequena parcela da população, geralmente aquela que encontrava-se em uma situação financeira melhor em relação as demais, promovendo a festividade para aqueles que se mostravam vulneráveis socialmente, como mostra a nota:

“festa joanina na casa do pobre”

Exmo. Sr.

As pequeninas da “Casa do Pobre”,no desejo de manifestar o seu agradecimento pessoal à família sergipana, que vem contribuindo com tanta generosidade para o sustento e manutenção desse abrigo infantil, convidam V. Ex^a para assistir à Tarde Recreativa Joanina com que vão homenagear a criança de Sergipe, patrocinadora desse movimento de caridade.

Para isso contam com a presença de V. Excia e da excelentíssima família, na tarde de 20 de junho, depois das 15 horas, à Rua de Estancia, nº 391, onde se realizará a referida festinha.

Agradecendo desde já a aceitação deste convite, firmam-se carinhosamente

(Folha da manhã, 19 de junho, 1943, nº 580)

O grupo responsável em promover as ações sociais, era formado por mulheres pertencente à elite local, geralmente as mulheres tinham o cônjuge envolvidos com questões políticas na região. A filantropia concentrava-se em valores políticos agregados ao prestígio social, adquiridos pela intervenção mais direta dos setores favorecidos economicamente nos problemas comuns ao universo das camadas empobrecidas (SILVA, 2012). Na dissertação intitulada “Damas da sociedade: caridade, política e lazer entre as mulheres da elite de Itabuna (1924-1962)”, Silva (2012) relata que nem todos os lugares, nem todas as ações as mulheres eram autorizadas a realizar, e com isso, a caridade e a filantropia foram essenciais para que elas pudessem responder aos problemas sociais, unindo preceitos cristãos aos interesses de dominação de sua classe. Dessa forma, como a festa junina era um evento de grande magnitude, a realização dessa festividade em uma instituição carente merecia um destaque no jornal, ainda mais em um contexto de guerra, em que o Governo não conseguia atender as instituições de maneira suficiente, já que estava concentrando suas ações no esforço da guerra, para ajudar o país.

Além disso, a festa saojanesca tem como simbolo, a fogueira e os fogos, que marcam a tradição e são presentes na festividade. Em sua tese de doutorado, intitulada “Noites festivas de junho: histórias e representações do São João no Recife (1910-1970)” Mário Ribieiro dos Santos, descreve que a cultura dos fogos no Brasil é uma prática apreendida pelos colonos brasileiros dos momentos de comemoração portuguesa em datas festivas. Trata-se de uma invenção chinesa que acabou sendo indispensável nas festividades religiosas do país, já no final do século XVII. Sinalizador de significados múltiplos, os fogos exercem funções de

anunciar o início, o apogeu e o término de uma solenidade; nascimentos, casamentos, vitórias. No período junino, constituem um dos elementos principais do cenário da festa. Tiros de cores que iluminam o céu. Porém, no ano de 1944, em Aracaju, o jornal *Correio de Aracaju*, publica uma notícia informando a população que os fogos passariam a ser proibidos pela polícia, como mostra a nota:

“Vem ai o S. João: Fogos proibidos pela Polícia.”

“Com a proximidade do S. João, animam-se as crianças, e também muitos adultos, para os tradicionais festejos, entre os quais se destacam os sambas, bailes, cangicadas e os fogos de artifício ou de estouro.

Não vemos, entretanto, com exceção de um ou dois bailes, nenhum sinal de interesse este ano pelas boas festas que tanto prazer já deram a muita gente. Enfim, ainda faltam alguns dias.” (**Correio de Aracaju**, 20 de junho de 1944)

O jornal revela como o São João animava a população, por proporcionar animados bailes, fartura nas mesas e alegria dos cidadãos ao ver a beleza dos fogos de artificios. Porém, no ano de 1944, essa alegria não estaria presente. Devido a crise, que impossibilitava a aquisição dos materiais que marcam a festividade e segundo, a proibição dos fogos, que tanto fez parte do São João. Esse tipo de regulamentação visava à manutenção da ordem pública e ao mesmo tempo tinha um sentido de alertar a população para as implicações daqueles que não cumprissem a lei.. É certo que, em 1934, já havia o decreto nº 23.793 que proibiu a fabricação e a venda de fogos que tinham em sua composição a dinamite, por esta ser responsável em provocar graves incêndios. Diante do cenário, vários lugares de fabricação empenharam-se em regularizar o estabelecimento e os produtos de acordo com as normas exigidas. Com isso, podemos observar o anúncio de uma das fabricas que funcionavam na época:



(O Nordeste, Ano II, 5 de junho de 1939, nº295)

Observa-se que os fogos fabricados da loja Adrianino era patenteados e que havia uma preocupação dos responsáveis em resaltar em seu anúncio, que os fogos eram sem “fogo e sem flecha.” Essa ressalva era importante por informar aos seus clientes que os seus fogos não eram perigosos e não provocariam queimaduras. Além disso, supõe-se que os fogos adrianinos foram procurados por eles não terem flechas, o que fazia com que o material atingisse uma altura considerável, e como estava em um contexto de guerra, os fogos poderiam servir não só como recreação, mas também como um objeto utilizado para emitir algum sinal. A proibição da queima dos fogos não se restringiu apenas às ruas da cidade, mas também nos clubes, como observado na notícia divulgada pelo Correio de Aracaju:

Associação Atlética de Sergipe- Festas de S. João e S. Pedro

A Diretoria da Associação Atlética de Sergipe avisa aos seus associados que serão realizadas em seus salões duas reuniões dansantes nas noites de 23 e 28 no corrente e uma matinée infantil na tarde de 24. A soirée de 23 as senhoras e senhoritas deverão comparecer trajadas de chita e os cavalheiros de branco ou outro traje de passeio. A diretoria, para maior realce e graça a reunião, faz um encarecido apelo a todos para que compareçam trajando vestimentas típicas de matuto. Esse apelo estende-se também às crianças que comparecerem a matinée do dia 24. Para a soirée do dia 28 não haverá exigência de traje. Nos dias 23 e 28 as festas iniciar-se-ão às 21 horas e no dia 24 às 16 horas. As mesas podem ser reservadas, desde já, na papelaria Comercial, rua João Pessoa, 37, para o diretor diversional, Sr. José Araujo, sendo o seu preço de Cr. \$50,00 para as duas festas. A preferência de mesas permanentes será observada até o dia 21, a partir do qual a Diretoria considerará disponíveis aquelas que não tenham sido confirmadas. **Fica expressamente proibido soltarem-se fogos nos salões da Associação.** Fernando Porto(1º Secretário) (Correio de Aracaju, 19 de junho de 1943, ano XXXVII, nº 3405, pág.

Nesse sentido, é importante salientar a notícia devido ao fato de que os clubes eram locais frequentados pela elite, esta, na maioria das vezes, gozada de alguns privilégios. Porém, devido o contexto de guerra que a cidade estava enfrentando, observou-se que os grupos afortunados não obtiveram forças para burlar as normas e foram obrigados a cumpri-la. Além disso, como foi apresentados em notas anteriores, o clima de guerra afetou o cotidiano da cidade, principalmente no lazer e a economia. Nem todos os lugares, que outrora eram frequentados, teve o uso livre. E a economia, que já vinha apresentando sinais de crise, mesmo antes da guerra chegar no Brasil, declinou quando o país entrou diretamente no conflito. No entanto, apesar do aviso do jornal proibindo a soltura dos fogos em 1943, esse tipo de notícia não foi veiculada nos anos anteriores e seguintes nos periodicos. Esse fato, pode indicar que

mesmo com o decreto de 1934, o povo mantinha o costume de soltar fogos, tanto nas ruas como nos cubles, e por isso a necessidade dos jornais reforçarem a notícia. Nesse sentido, é possível que o esforço de guerra tenha influenciado na posição do governo transmitida através da imprensa.

Em meado de 1945, a guerra que estava ocorrendo na Europa, apresentava sinais de esgotamento, tal cenário afetou o governo Vargas e a sua política do Estado Novo, já não apresentava o controle noutro tempo. Com isso, os jornais, que antes sofria com a fiscalização do DEIP, começaram a recuperar a liberdade de expressão e passaram a denunciar a má gestão do governo. Como o trabalho apresentado, foca nos festejos juninos, podemos observar a nota que foi publicada na época pelo Correio de Aracaju:

Um são João de aperturas

Previsões para o S. João de 45. Segundo a nota. A carestia já havia afogado a farra no ano anterior. Agora, a situação não seria diferente. As comissões de tabela não conseguiram

deter as constantes altas de preços. Havia a ação dos especuladores.

Diz a nota:

“Coisas do Estado Novo! Coisas da ditadura que teima por continuar vitoriosa a fim de esmagar com mais prepotência as massas populares do Brasil”

“... o são João deste ano vai ser de aperturas”.

“Somente os privilegiados de fortuna poderão festejar o dia do batista.

Os pobres, esses terão que se conformar. Não farão fogueiras porque a lenha está custando \$8,50 e mais o cento, não beberão vinho porque não há mais bebida barata, nem comerão milho e muito menos doces, porque está tudo pela beira da morte”(Correio de Aracaju. 6 de junho.1945.p.3)

Observa-se que o jornal culpava o aumento dos preços ao “Estado Novo” que persistia, por meio da ditadura, na exploração do povo. E devido a crise, o povo não teve condições de festejar a tradição da mesma forma que dantes, pois, como ressaltou o periódico, os preços dos produtos tinham subido muito.

Nesse sentido, a tradicional festa foi sendo modificada ao longo do tempo, no período estudado, supõe que as mudanças foram provocadas pela urbanização das cidades e a contexto da guerra que afetou o país. Dessa forma, em alguns periódicos que circulavam na cidade, artistas locais manifestaram seus sentimentos por meios dos textos produzidos e publicados, relatando como a festa sanjoanesca era importante para a formação identitária da sociedade. Nota-se tal manifestação a partir da crônica publicada no Correio de Aracaju pelo cronista Rubem Vergara:

Noites Joaninas- Crônica de Rubem Vergara

João e S. Pedro, Trezenas e novenas. Fogos e fogueiras. Casamentos e crendices.

S. Pedro dormiu

S. João acordou

Antonio é meu cumpáde

Que S. João mandou.

Mês de junho. Mês de S. João. Sinhásinha espera ansiosamente a meia noite para ver no fundo da bacia se uma grinalda a espera ou se o caixão a aguarda. Aquele que quizer ter pautas (pactos) com o demonio, vai na véspera de São João, a meia noite, a uma encruzilhada e, antes de cantar o galo, evoca o espirito maligno, que aparece na figura de um bode preto, e lhe oferece sangue em troca da riqueza ou sabedoria; feito o pacto, etc. etc. Mês de Junho, Noite de S. João. Noite em que evocamos e repetimos todas as tradições e nos pomos em contato com a própria alma da raça.

Aracaju está se vestindo novamente de menina simples para reviver as coisas da mais festa popular que sempre lhe deu uma feição alegre. Prepara-se para que os sambas, os mastros, as fogueiras a alegria, **voltem a cidade donde saiu porque a guerra expulsou**. So não voltam os balões, Ah! Os balões! Os variados balões de cores variadas riscando o céu numa mensagem colorida às alturas. So não os balões voltariam. Tudo mais.

Que o alto de S. Cristovão fique repleto novamente de pessoas para assistirem as batalhas de busca-pés em frente do Curral. Que as mocinhas saiam de suas ruas em alegre grupos à procura de bailes. Que os chapéus de papel de ceda infestem o Mercado para que a noite possamos encontrar nos sambas esta nota de simplíssima beleza: as garotas dansando com a indumentária que o povo criou, a festa aceitou e a tradição manda se respeite. Que volte tudo, o mundo já saiu quasi todo de dentro da guerra . que se fale em transformação radical. Não se incomodem, amigos e amigas, os costumes e as tradições não se modificam, fazem parte da terra que os criou.

Caminho pela rua e vou sentindo em tudo um cheiro de saudade. Como que estou preso a todas as coisas que o mês de junho me deu. A todas as festas que enchem os seus dias. A todas as belezas que os seus dias tem. Vou como um autômato para as ruas simples nesta semana de S. João , levado pela certeza de que somente nelas encontrarei a poesia e o encanto que as festas joaninas possuem. E me perco nos meus próprios pensamentos. Estou recuando dias, ou séculos? Isto que eu assisti há muito tempo, foi ontem ou traz-ante-ontem? Com que nada esta modificado. Como que tudo continua o mesmo, apenas houve ligeiras alterações?

Noites joaninas. Lindas noites que pertencem a todos os corações. Que são notas tristes nas almas dos velhos e gritos de alegria nas almas infantis. Noites que jamais se apagarão da nossa lembrança.

Caminho pela rua e vou sentindo em tudo um cheiro de saudade. E o S. João que esta chegando. São as suas crendices que se aproximam. Que venham todas para que a festa mais popular do ano não perca a sua beleza e o seu encanto. (**Correio de Aracaju**, 22 de junho de 1945, p. 2)

Para Vergara, alguns costumes da festividade sanjoanesca foram perdidos com a chegada da guerra. Porém, ressalva que apesar do mundo estava em mudança, o povo não devia termer a ela, porque não afetava na tradição, uma vez que, fazia parte da terra onde se criou. Com dito em linhas anteriores, não foi só o contexto de guerra que modificou algumas práticas do festejo, pois o mundo estava em transformação que acabava repercutindo em diversos setores da sociedade. Dessa forma, apesar de todo contexto, a festa junina foi comemorada e celebrada por todos na capital sergipana, cujo o cotidiano e a economia foram afetados, o povo procurou maneira para celebrar uma tradição.

Conclusão

A Segunda Guerra Mundial resultou um grande contingente de mortos, em decorrência dos combates entre os países do Eixo e Aliados. Nesse contexto, o Brasil também se viu envolvido no conflito. Em 1942, a guerra chegou em águas brasileiras, o submarino alemão U-507 atacou vários navios mercantes brasileiros nos mares da Bahia e Sergipe. Entre os navios torpedeados estavam o Baependi, Aníbal Benévolo e o Araraquara, os ataques provocaram a morte de 600 pessoas. Os torpedeamentos acabaram provocando revolta por parte da população, que saíram as ruas a procura de culpados. Além disso, afetou o cotidiano, com a escassez de produtos, aumento dos preços, proibição de frequência de certos lugares e as festividades realizadas na região

Partindo por esse ponto, o respectivo trabalho procurou examinar as notas dos jornais sergipanos que apresentam as festividades da população, durante o episódio dos torpedeamentos. Concluímos que os cidadãos não se limitaram com a circunstância vivenciada e continuaram a organizar suas festas religiosas, seus eventos esportivos e suas festas típicas. Apesar do clima de guerra, do salário estagnado, enquanto o preço das mercadorias de primeira necessidade subia incontrolavelmente, a gasolina era racionada e até o preço do papel para a imprensa aumentava as pessoas não deixaram de lado suas atividades sociais, principalmente os frequentadores do clubes, lotavam a instituição em datas como Carnaval, São João e Natal. Os jornais, por sua vez, ficavam a cargo que divulgar toda festividade, diferentes das festas que ocorriam nas ruas da cidade, que não recebiam a mesma visibilidade da imprensa. Dessa maneira, a pesquisa conseguiu identificar através dos registros jornalísticos como os cidadãos se movimentavam na cidade de Aracaju durante o período da Segunda Guerra Mundial.

Referencias

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. Rua São João-uma história viva na memória cultural de Sergipe. In: São João é coisa nossa. Aracaju.FUNDESC: J. Andrade, 1990. (série memória v.II).

ALMEIDA, Jaime de; SOUZA, Ana Guiomar Rego Souza. **Qualquer festa é festa(?)**. Goiana: Ed. UCG,2008,p.30-36.

ALMEIDA, Marcos Antonio Bettine. **Lazer no Estado Novo e o uso do tempo livre**. Revista Digital, Buenos Aires, ano 11, nº 98, Julio de 2006.

ARAÚJO, Acrísio Tôrres. **História de Sergipe**. v.2. Sergipe: Gráfica J. Andrade, 1967

ASSIS, Raquel Anne; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **O fim do mundo começou no mar: os ataques do submarino U-507 ao litoral sergipano em 1942**. Navigator, Subsídios Para a História Marítima do Brasil. (ISSN:01001248) Rio de Janeiro, 2013.

ALBUQUERQUE, José Gicelmo Melo; FREITAS, Anabela Cardoso; SILVA, Márcio Felipe da Rocha e; ROCHA, Gilvana Costa ; SILVA, Paula Silvia Maria Paula ;SOUSA, Luzia Mary Silva. **As quadrilhas juninas e o São João em Sergipe**. Revistapsicologia & saberes. Aracaju/Se. V.9, Nº 14. 2020.

BARROS, José Assunção. História Cultural – **um panorama teórico e historiográfico**. Revista Textos de História, Brasília, volume 11, nº.1/2. p.145-171. Dezembro de 2003

BARROS, Maria L. P. Dantas. **Segunda Guerra Mundial, Cultura e Cotidiano: os torpedeamentos na costa brasileira em 1942 e o caso Nelson de Rubina**. In: Boletim Historiar, n. 16, jul./ago. 2016.

BARBOSA, Carolina de Alencar; MAYNARD, Andreza S. C.; MAYNARD, Dilton C. S.(organizadores). **Segunda Guerra: história de Sergipe**. Recife: EDUPE, 2016.

BELÉM, Vitor Curvelo Fontes. **Arraiá na tela: a construção midiática das festas juninas em Sergipe**. Dissertação (Mestre em Comunicação e Semiótica), Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010, p. 95.

BURKE, Peter. **A História Social dos Clubes**. Folha de São Paulo, s/p, 24 de fev. de 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2402200203.htm>, acesso em dezembro de 2021.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Liv. Regina,1955.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. ed. ilustrada. SãoPaulo: Global, 2002

CRUZ, Luiz Antônio Pinto; ARAS, Lina Maria Brandão. **A Cidade dos Malafogados: O**

cotidiano de Aracaju durante a Guerra Submarina em Sergipe (1942-1945). Anais do XXVISimpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Acesso em: 30 nov. 2020.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **Aracaju Torpedeada: o perigo dos inimigos internos. In: “A guerra já chegou entre nós”! O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942 - 1945).** (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2012

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: Conversas sobre história e imprensa.** Projeto História, São Paulo, n.35, p.253-270, dez. 2007.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: Republica (1889-2000).** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

FREITAS, Itamar. **O historiador e suas fontes.** Informe Sergipe, Aracaju, p. 2-2, 01 out.2000. Acesso em: 02 nov. 2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala.** 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe.** 3v. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe,1989.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In. Fonteshistóricas.org. PINSKY, Carla Bassanezi. - São Paulo: Contexto, 2005.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido Santos (org.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe.** São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz; BARBOSA, Caroline de Alencar; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Segunda Guerra: **Histórias de Sergipe.** Recife. EDUPE, 2016.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Dias de Luta: Sergipe durante a segunda guerra mundial.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2011.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. *Getempo: Memórias de uma coluna na internet*.

MELLINS, Murilo. **Aracaju romântica que vi e vivi**. Aracaju. Editora da Universidade Tiradentes, 2000.

OLIVEIRA, Flávia Santos; GONDIM, Laís Mello, LINHARES, Ronaldo. **Jornal Correio de Aracaju e o fim da Segunda Guerra**. VII Encontro Nacional de História na Mídia: Fortaleza/CE. 19 a 21 de agosto de 2009.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Noites festivas de junho: histórias e representações do São João no Recife (1910-1970)**. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife/PE, 2015

SANTOS, Jéssica Messias dos. **Clubes sócios recreativos e outros lugares de lazer em Aracaju (1888-1915)**. Dissertação (Mestre em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão, p. 104. 2019

SANTOS, Priscila Antônia dos. **“O Pearl Harbor” Brasileiro: O cotidiano em Sergipe na Segunda Guerra Mundial 1942-1945**. Estudo sobre os desdobramentos dos ataques submarinos de 1942 em Sergipe. Universidade Federal de Sergipe: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica- PIBIC. São Cristovão/SE. 2020.

SILVA, Néviton Felipe da. **Um retrato em Preto e Branco da Associação Atlética de Sergipe: por entre as sombras do projeto republicano (1925-1949)**. Dissertação (Mestre em Educação) Núcleo de Pós-Graduação em Educação: Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão/SE. 2013.

SILVA, Adriana Oliveira da. **Dama da sociedade: caridade, política e lazer entre mulheres de elite de Itabuna (1924-1962)**. Dissertação (Mestre em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santa/BA, 2012.

SILVA, José Daniel da. **Festas boas de Caruaru-PE: Da Conceição à capital o forro (1950-1980)**. Dissertação (Mestre em História) Programa de Pós-Graduação em História,

Universidade Federal de Pernambuco. Recife/PE. p.182, 2010.

TRINDADE, Mônica Porto Apenburg. **Sob suspeita: o combate aos estrangeiros em Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial.** In: Boletim Historiar, n. 04, jul./ago. 2014,

WYNNE, J. Pires. **História de Sergipe (1930-1972).** v.2. ed. Pongetti,1970

Os jornais

Correio de Aracaju, 1939, nº1338, p.01

Correio de Aracaju, 25 de junho de 1942

Correio de Aracaju, 20 de junho de 1944

Correio de Aracaju, 19 de junho de 1943, ano XXXVII, nº 3405, pág.

Correio de Aracaju. 6 de junho.1945. p.3

Correio de Aracaju, 16 de junho de 1945, p. 3

Correio de Aracaju, 22 de junho de 1945, p. 2

Diário oficial, 18 de junho de 1943, p 7

Diário oficial, 23 de junho de 1943, p 5, ano XXV, 55 de republica, nº 8.866

Diário Oficial, 16 de junho de 1944, ano XXXVIII, nº 3.662

Folha da manhã, 19 de junho, 1943, nº 580

Folha da Manhã. 25 de junho de 1944

O Nordeste, 5 de junho de 1939, nº 295

O Nordeste Aracaju, 26 de junho, 1939, p.01

O Nordeste, 30 de junho de 1939

Sergipe Jornal, 22 de junho de 1939